



#### O QUE PENSAM OS HOMENS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM CRIANÇAS? ANÁLISE DE SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

*Josiane Peres Gonçalves<sup>1</sup>*

*Viviane de Souza Correia de Carvalho<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo investigar as representações sociais de homens professores que atuam com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas de um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Por meio da pesquisa bibliográfica, buscamos refletir sobre os principais preconceitos vivenciados por homens professores ao atuar em uma profissão que é vista socialmente como feminina. A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas, sendo a primeira de natureza quantitativa, em que buscamos identificar quantos homens atuavam como docentes nos anos iniciais do município pesquisado e essas informações foram relevantes para estabelecer critérios e então realizar a segunda etapa da pesquisa, de natureza qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, que posteriormente foram transcritas, sistematizadas e analisada. Constatamos que são poucos os docentes do gênero masculino e a maioria trabalha apenas com a disciplina de Educação Física e também na área de gestão escolar. Apenas 10 (dez) docentes eram professores regentes e trabalhavam praticamente com as turmas de 4º e 5º ano. Assim, para a realização das entrevistas, foram selecionados quatro professores de diferentes escolas, sendo um de Educação Física e três regentes. Os resultados indicam que os professores entrevistados consideram relevante a presença masculina atuando como professores de crianças; ressaltam sobre a importância da autoridade, que impõe respeito ao aluno, sendo esta habilidade mais frequente entre os homens professores; destacam a questão salarial como um dos principais fatores que desestimula outros homens a fazerem a opção pela profissão docente.

**Palavra-chave:** Professor. Educação. Gênero. Homem.

#### WHAT DO MALE TEACHERS THINK WORKING WITH CHILDREN? ANALYSIS OF THEIR SOCIAL REPRESENTATIONS

**Abstract:** This study aims to investigate the social representations of male teachers who work with children in the early years of elementary education in public schools in a municipality in the state of Mato Grosso do Sul. Through literature review, we reflect on the main prejudices experienced by male teachers working on a profession that is socially viewed as a female one. The field survey was conducted in two stages, the first

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela mesma instituição. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Naviraí (UFMS/CPNV). Líder do "Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação" (GEPDGE).

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Naviraí (UFMS/CPNV). Integrante do "Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação" - (GEPDGE). Bolsista de Iniciação UFMS AF.



being in a quantitative nature, we seek to identify how many men acted as teachers in the early years of the studied city and this information was relevant to establish criteria and then perform the second step of the research, the qualitative one, through semi-structured interviews, which were later transcribed, systematized and analyzed. We found that few teachers were male and the most of them work only with the discipline of Physical Education and also in the area of school management. Only ten (10) teachers were school teachers and almost worked with groups of 4th and 5th grades. So for the interviews were selected four teachers from different schools, one of them being of Physical Education and the other ones being regents. The results indicate that the interviewed teachers consider relevant the male presence acting as teachers of children; they emphasize the authority importance that demands respect for the student, which is more common skill among male teachers; they also highlight the salary issue as a major factor that discourages other men to do the option for the teaching profession.

**Keywords:** Teacher. Education. Gender. Man.

#### Introdução

O presente estudo centra-se na temática relativa às representações sociais predominantes em homens professores que atuam como docentes de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental em um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul e encontra-se vinculada ao Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). Tem como finalidade identificar as representações dos sujeitos pesquisados acerca do trabalho desenvolvido por docentes do gênero masculino com crianças.

A problemática que envolve a questão diz respeito ao número reduzido de homens que atuam neste nível de ensino, evidenciando que diversos fatores influenciaram para tal realidade, como por exemplo, as representações da sociedade, bem como dos próprios homens, em relação à educação escolar de crianças (GONÇALVES, 2009). Sendo assim cabe indagar: Será que os docentes do gênero masculino não se sentem aptos a trabalhar com os alunos pequenos? E quais as representações que demonstram sobre esta possibilidade?

Ao se estudar a trajetória da Educação no Brasil, é possível constatar que no início apenas os meninos estudavam e os professores eram somente homens. Com o tempo, diversos fatores históricos, econômicos e sociais (como o aumento do número de escolas, a educação de meninas, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a relação entre educação de filhos e educação escolar, etc.), fizeram com que os homens gradativamente fossem se afastando do magistério, permanecendo as mulheres nessa atribuição de trabalhar com a educação de crianças na escola. (LOURO, 2007).

Porém, a escola faz parte de um contexto histórico e social, atende meninos e meninas, e as questões relativas a gênero se fazem presentes no processo de ensino e aprendizagem. No caso dos professores do gênero masculino, é possível afirmar que eles possuem diversas habilidades, que culturalmente fazem parte do gênero masculino e que podem contribuir com a educação de crianças. Em um estudo realizado por Gonçalves (2009), em que foram entrevistados 3 professores homens, 2 entendiam que o magistério deve ser assumido por mulheres, devido às suas habilidades maternas que



podem ajudar no processo de educação escolar das crianças. Outro, porém, afirmou diferente, dizia que os homens possuem muitas habilidades e que seria uma grande contribuição na escola:

O fato de o homem usar uma linguagem de futebol, de área, de comprimento, de largura... de uma forma um pouquinho mais significativa do que a mulher, porque a mulher, por hábito, ela não tem o costume de pegar o metro na mão e sair medindo o chão, medindo parede, e o homem já tem mais essa característica, ele tem mais facilidade de levar esse material pedagógico para sala de aula. Também a mulher fala mais no abstrato e o homem procura mais no concreto, principalmente se vamos falar na área da matemática. Então eu sinto que tudo vem somar realmente.

Diante desse contexto, se os homens podem contribuir ou se “vem a somar” com o trabalho que é desenvolvido pelas mulheres, por que não o fazem? Por que não se interessam por trabalhar com crianças na escola? De acordo com Rabelo (2013), existem algumas discriminações que são vivenciadas pelos docentes do gênero masculino, que resultam no desinteresse em trabalhar com turmas de anos iniciais do Ensino Fundamental. Entre as principais discriminações, podem-se destacar: homofobia; falta de dom para lidar com crianças; baixo salário para ser chefe de família.

Em relação à homofobia, Rabelo (2013) afirma que essa forma de discriminação não costuma ocorrer somente quando se é homossexual, mas também a qualquer outra pessoa que demonstre ser do sexo oposto. Nesse caso, o preconceito é concentrado nos pequenos detalhes corporais, como exemplo, no modo de falar e nas atitudes e opções de cada indivíduo. A autora também menciona que a homofobia causa problema para os docentes na hora de assumirem o posto de educadores no Ensino Fundamental e relata a experiência de um professor do Rio de Janeiro que “[...] já perdeu o emprego em uma escola privada por causa de preconceito; já teve, ainda, que ‘reforçar a sua masculinidade’ perante uma mãe de aluno que o considerava homossexual e também perante os varredores de sua escola” (RABELO, 2013, p. 914). Ou seja, independente de ser homossexual ou não, os docentes do gênero masculino parece que o tempo todo eles têm que provar a sua masculinidade perante a sociedade.

Vale ressaltar que para Santos (2007, p. 136) os estudos atuais sobre a condição masculina tratam não da masculinidade no singular, mas sim de “masculinidades”, no plural, uma vez que:

Falar em masculinidade no singular sugere a ideia de uma representação e de um poder do homem, masculino, e uma forma homogênea. Quando se coloca a noção de masculinidades, no plural, depreende-se que pode até existir uma forma de masculinidade, digamos hegemônica, mas que existem outros tipos de masculinidade.

Tanto a masculinidade quanto a feminilidade podem ser entendidas como construções sociais que variam de acordo com o espaço (uma cultura para outra), com o tempo (numa mesma cultura, através do tempo), ao longo da vida de cada pessoa e na relação entre diferentes grupos de homens de acordo com a sua classe, a sua raça, o seu grupo etário e étnico (SANTOS, 2007).



Consideramos que em cada profissão as pessoas estão sujeitas a receber críticas é possível afirmar que a vida dos docentes que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, independente do gênero feminino ou masculino, terá sempre grandes barreiras a serem percorridas. Porém, o sexo oposto terá sempre que provar que não basta apenas saber o conteúdo, mas que, acima de tudo, tem que saber lidar com as dificuldades quando elas forem surgindo, inclusive relacionadas aos diversos tipos de preconceitos relativos ao gênero masculino.

Outra forma de discriminação citada por Rabelo (2013) refere-se a “não ter o dom para ser professor”, por haver desconfiança na capacidade masculina para ser um bom educador. Em outras palavras, muitas vezes essa discriminação é sofrida pelos próprios colegas de trabalho, por eles serem vistos como diferentes, indelicados, autoritários, sem jeito nenhum para essa “vocação”.

Ao refletir sobre o ideário de vocação conjugado com as habilidades femininas, Hypólito (1997) critica a ideias de magistério como sinônimo de vocação, que costuma ser relacionada como missão e sacerdócio ou “Missão nobre e divina” (p. 56). Ressalta que, apesar de esta conotação anteceder a entrada das mulheres no magistério, a inserção feminina na escola “[...] é uma síntese mais acabada de todas essas relações, pois se constitui numa combinação entre vocação/ensino/maternidade/funções domésticas.” (p. 57).

Para Bruschini e Amado (1998), historicamente o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios profissionais da educação, que defendiam a ideia de que a carreira do magistério era adequada à natureza feminina e para desenvolver as atividades docentes, era preciso haver sentimento, dedicação, minúcia e paciência, características mais facilmente encontradas em mulheres. Por predominar a ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente, como acabou se tornando o magistério.

Quanto à associação das chamadas “habilidades femininas” com o ensino escolar, Hypólito (1997) enfatiza que as habilidades da dona de casa e de esposa costumam ser transferidas para a função docente, pois ao ser desempenhada por uma mulher pressupõe-se que a profissional tenha ou deveria ter algumas características como: docilidade, submissão, sensibilidade, paciência, entre outras. Nesse caso, os homens são vistos como incapazes para ensino porque não possuem essas características que culturalmente foram atribuídas ao gênero feminino. Mas será que realmente elas são necessárias para atuar como docentes? Será que não existem outras características culturalmente atribuídas ao gênero masculino e que podem ser consideradas importantes para o desenvolvimento do trabalho docente? Mais uma vez destacamos que as competências e habilidades profissionais devem ser priorizadas, independente do gênero, evitando que os papéis desempenhados pelas mães no processo de educação dos filhos sejam confundidas com a educação sistematizada existentes nas instituições escolares.

Outro preconceito identificado por Rabelo (2013) refere-se à questão salarial, em que as representações predominantes são de que o magistério é uma profissão pouco remunerada para quem é chefe de família. No entanto, ela alerta que em Portugal essa profissão não é considerada tão mal remunerada se for comparada com outras que exigem formação semelhante. No Brasil, embora não sendo elevado, o salário do



professor pode ser comparado com o de outras profissões vistas como masculinas e que há a predominância de homens trabalhando, como de policial, por exemplo. Ou seja, não é somente a questão salarial que influencia, mas também as questões de gênero.

Quanto aos homens serem considerados chefes de família, Rabelo (2013) argumenta que não é possível afirmar que são “eles” os principais responsáveis pelo sustento da família, uma vez que as mulheres, inclusive as professoras, estão cada vez mais se responsabilizando pela totalidade ou maior parte das despesas da casa. Também Gonçalves (2009) justifica que historicamente foram concedidos aos homens salários maiores para desempenhar a mesma atribuição profissional porque o gênero masculino era visto como o provedor do lar. E quando as mulheres começaram a trabalhar fora, inclusive como professora, o salário era entendido como complementar à renda familiar, justificando em parte a baixa remuneração. No entanto, a autora argumenta que na atualidade e principalmente na área da educação, “[...] em muitos casos, são as mulheres professoras que assumem a função de chefes de suas famílias.” (p. 151). Diante do pressuposto, acreditamos que, se existe a formação profissional para atuar como docentes, independentemente do gênero masculino ou feminino, homens e mulheres devem ter a mesma remuneração.

Pincinato (2004), ao estudar a atuação de homens no magistério paulista entre as décadas de 1950 e 1980, constatou que os homens enfrentaram dificuldades porque a ocupação recebeu significados femininos, por não ser valorizada socialmente, por oferecer remuneração baixa e por haver o preconceito de que quem nela ingressa não teve competência para desempenhar outras atividades de maior prestígio. Ou seja, a questão da desvalorização do magistério e do preconceito em relação aos homens atuarem com professores de crianças foi construída historicamente e continua presente na atualidade. E para muitos desses homens não deve ser fácil ter que provar que embora sendo aptos a trabalhar em diversas áreas, fizeram a opção pelo magistério e que são competentes como profissionais da educação.

É importante destacar que todas essas discriminações vivenciadas pelos docentes do gênero masculino refletem as representações sociais predominantes na sociedade na qual estão inseridos. Para Moscovici (2003) as representações sociais são entendidas como um sistema de valores, ideias e práticas que tem tanto a função de estabelecer a ordem que orientará as pessoas a como devem agir e se comportar, quanto de favorecer a realização da comunicação entre os membros de uma comunidade ou contexto cultural. Para Almeida, Santos e Rossi (2006), a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem a função de elaborar padrões de comportamento e de comunicação entre as pessoas. É uma modalidade particular porque só é representação social o conhecimento advindo do senso comum, que é elaborado na vida cotidiana e que tem como finalidade agir e interpretar a realidade.

Ao estabelecer relações entre as representações sociais e a área da educação, Louro (2007, p. 99), comenta que “professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objetos de representações.” Compreende que as representações “[...] não são, contudo, meras descrições que ‘refletem’ as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os ‘constituem’, que os ‘produzem’”.

A autora afirma que tal perspectiva é baseada na ideia de que a representação não é o reflexo ou o espelho da realidade, e que não cabe perguntar se a representação



corresponde ou não ao real, mas cabe, sim, entender como as representações produzem sentidos, quais são os seus efeitos sobre as pessoas e como elas constroem o “real”.

Diante desse pressuposto, o presente estudo teve como principal objetivo investigar as representações sociais de homens professores que trabalham com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental em um município do interior do Mato Grosso do Sul, e para atender ao objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de campo, conforme apresentada na sequência.

#### Metodologia

Os estudos teóricos realizados pelos integrantes do GEPDGE nos encontro semanais, foram sobre as temáticas relativas à gênero, representações sociais, feminização do magistério, homens professores, entre outros, servindo de fundamento para nortear a pesquisa de campo, que ocorreu em duas etapas.

Inicialmente realizamos uma coleta de dados de natureza quantitativa, para identificar em quais escolas públicas de anos iniciais do Ensino Fundamental do município pesquisado havia homens atuando como professores. O levantamento foi realizado no 2º semestre de 2013, por meio de visitas a todas as escolas Municipais e Estaduais, em que foi identificado o número total de docentes e, entre este total, quantos eram homens e quais funções educativas desempenhavam.

Vale ressaltar que não foi possível saber se alguns professores, tanto homens quanto mulheres, trabalhavam em mais de uma escola ou se foram contados mais de uma vez. Sendo assim, a totalidade dos dados levantados refere-se à soma das informações obtidas em cada uma das escolas pesquisadas, cujos resultados são: Total de professores 238 (duzentos e trinta e oito). Entre este total, apenas 28 (vinte e oito) eram homens. Entre esses homens, 2 (dois) atuavam na área de gestão escolar como coordenadores pedagógicos; 16 (dezesesseis) eram professores de Educação Física e apenas 10 (dez) atuavam como professores regentes. Entre esses dez professores regentes, apenas um trabalhava com turma de 3º ano, o restante trabalhavam com turmas de 4º ou 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A partir da constatação do número de docentes do gênero masculino em cada escola, adotamos critérios de priorizar os professores regentes de escolas diversificadas. Assim, a segunda etapa da pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com 4 (quatro) professores homens, conforme Quadro 1, no segundo semestre de 2013 e os nomes adotados são fictícios.

**QUADRO 1 – Perfil dos Entrevistados**

| Nome    | Idade | Formação Acadêmica (Graduação)   | Tempo de Profissão Docente | Área de Atuação Como Professores de Ensino Fundamental | Configur. Familiar   |
|---------|-------|----------------------------------|----------------------------|--|----------------------|
| Antonio | 45    | - Contabilidade e<br>- Pedagogia | 23                         | Prof. regente de duas turmas de 5º ano                 | Esposa e dois filhos |
| João D  | 43    | - Educação Física                | 18                         | Prof. de Educação Física em várias turmas              | Esposa e dois filhos |



|         |    |                   |    |   |                        |
|---------|----|-------------------|----|---|------------------------|
| José A  | 40 | - Pedagogia       | 13 | Prof. regente em sala multisseriada de 3º a 5º ano - zona rural | Esposa e quatro filhos |
| Pedro B | 30 | - Normal Superior | 3  | Prof. regente de 4º e 5º ano                                    | Esposa e dois filhos   |

Fonte: Autoras (2014).

Ao definir quais sujeitos seriam pesquisados, durante as reuniões semanais do GEPDGE, estabelecemos os critérios e elaboramos um roteiro para a realização das entrevistas semiestruturadas. Assim, foi feito contato primeiramente com a direção da escola e em seguida com os próprios docentes, a fim de esclarecer sobre os objetivos da pesquisa e agendar um horário para gravar as entrevistas. Foi priorizado o dia em que os professores tinham disponibilidade e assim a coleta de dados, relativa à pesquisa qualitativa, ocorreu no próprio ambiente das escolas, durante as horas atividades dos professores.

Quanto à pesquisa qualitativa e instrumento utilizado, ou seja, entrevistas semiestruturadas, Duarte (2002, p.141) destaca que:

[...] de um modo geral, exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delimitado.

Também Neves (1996) considera que as pesquisas de natureza qualitativa tem o objetivo de traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, procurando reduzir a distância entre o pesquisador e o pesquisado, entre os teóricos que sustentam o assunto em questão e os dados coletados, entre contexto e ação.

Após a realização das entrevistas semiestruturadas, fizemos as transcrições e discussão coletiva dos dados, pois conforme fomos formulando nossas análises e fundamentação teórica paralelamente íamos apresentando para os demais integrantes do grupo, para que todos tivessem uma visão geral do andamento da pesquisa. Os resultados do presente estudo são apresentados na sequência.

## Resultados e Discussão

Ao analisar brevemente os dados da pesquisa quantitativa, podemos perceber que são poucos os docentes que atuam como professores de crianças e, entre esses, alguns vão para a área de gestão e outros são docentes de Educação Física, sendo em geral uma disciplina mais aceita entre as crianças, por estar associada a jogos e ludicidade, em geral fora das salas de aula. Gonçalves (2009), ao refletir sobre a atuação de homens com crianças, comenta que são poucos os que existem no Brasil e que alguns ainda ocupam o cargo de gestão escolar, por estar relacionado com funções de liderança e poder, sendo habilidades que socialmente são mais atribuídas ao gênero masculino.



Entre os 10 professores regentes, um trabalhava com turma de 3º ano, outro na zona rural em turma multisseriada incluindo 3º a 5º ano, e os outros oito docentes trabalhavam com turmas de 4º a 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ou seja, nessas turmas as crianças têm em média 9 ou 10 anos, já estando na fase final da infância e praticamente entrando na fase da adolescência. Os dados evidenciam que os docentes do gênero masculino preferem trabalhar com crianças maiores e que não havia no município pesquisado, durante a realização da coleta de dados, homens professores atuando com turmas de 1º e 2º ano.

Outro fator importante que deve ser destacado em relação aos docentes pesquisados, é que o João relatou que em breve iria se aposentar. Já o Pedro trabalhou como professor até o final do ano e, no início de 2014, ele deixou a profissão para trabalhar como policial. Tal informação foi passada por um dos integrantes do GEPDGE que conhecia o professor e assim constatamos que o referido professor deixa de atuar em uma área que é vista socialmente como feminina, para trabalhar em outra que é conhecida socialmente como masculina, conforme Negri (1998).

Se o professor Pedro tinha 30 anos e há 3 trabalhava como docente, cabe questionar: Por que teria feito a opção inicialmente por ser professor? Segundo ele, “Foi por influência da família [...] meu pai é professor pedagogo, também tenho prima professora, minha irmã também fez o magistério...” Ou seja, possivelmente como já tinham vários professores na família, inclusive seu pai devia ser um dos poucos docentes do gênero masculino, ele acabou sendo influenciado e também fez a opção pela profissão docente.

Outro entrevistado também comentou sobre a influência da família: “A gente já tá no sangue essa veia... porque meu pai era professor, minha esposa professora, meu sogro é professor... Então já vem na família”. (JOSÉ)

Ao pesquisar sobre os motivos que levaram professores, independente de gênero, a fazer a opção pelo magistério, Tardif e Raymond (2000) constataram que é muito comum haver influência da família, principalmente se já têm outras pessoas atuando na mesma área. “Muitos professores, particularmente as mulheres, falaram da origem familiar da escolha de sua carreira, seja porque provinham de uma família de professores, seja porque essa profissão era valorizada no meio em que viviam.” (p. 221).

Apesar de fazer parte de uma família de professores, o José relatou que o início da sua carreira profissional aconteceu devido à necessidade da região em que ele morava, num assentamento localizado na zona rural do município pesquisado. “Acredito que... mais pela opção que tem o assentamento de emprego, porque lá não tem outras opções, só tem a escola né, então como eu não queria ficar cuidando de roça o tempo todo, aí eu fui fazer Pedagogia.”

Situação parecida ocorreu com o Antonio que era formado em outra área e recebeu um convite para ser professor na zona rural. “Eu me formei em Contabilidade né, mas aí eu vi que não era minha praia, a eu fui convidado pra da aula numa fazenda.” Ou seja, muitas vezes a opção pela profissão ocorre por motivos diversos, inclusive devido às oportunidades que surgem. Assim a pessoa inicia na profissão e continua até se aposentar, como é o caso do Antonio que é professor há 23 anos.

Entre os docentes pesquisados, o único que disse que queria ser professor foi o João, que assim relatou: “Ah! Falar bem o motivo... pode ser mais de um também. Ah, sempre eu... desde quando eu estudava queria ser professor. Daí fui, entrei no Ensino



Médio, naquela época falava Segundo Grau, entrei na faculdade, em seguida passei no concurso... Tô até hoje.”

Ainda que tenha afirmado que desde que estudava queria ser professor, seria interessante descobrir sobre o que motivou o João a se interessar pela profissão docente. De qualquer forma, podemos perceber que as razões que levaram os professores a trabalhar com crianças são de natureza diversa: por interesse pessoal, por influência da família ou por necessidade da comunidade local, na zona rural.

Eu fui bem acolhido lá, quando eu cheguei e comecei a desenvolver o meu trabalho né, na fazenda, acho que devido a essa circunstância né. Então assim, eu vi que as crianças... Elas tinham aquelas vontade de estudo, sabe? Então eu até acabei me apaixonando [...] porque naquela época elas tinham mais disciplinas né, então eu acabei até me apaixonando por isso. (JOSÉ)

Talvez mais importante do que refletir sobre os motivos que levaram esses homens a atuar como professor de criança de anos iniciais do Ensino Fundamental é pensar sobre o que influenciou para que continuassem na profissão. Conforme relata o José, ele se “apaixonou”, especialmente devido ao interesse das crianças e ter sido bem acolhido. Por outro lado, conforme mencionado anteriormente, o Pedro ficou apenas três anos atuando como docente e abandonou a carreira para se tornar policial.

De acordo com Tardif e Raymond (2000, p. 226), no início da carreira profissional docente ocorre o “choque com a realidade” em que o professor volta a conviver no mesmo espaço em que lhe é familiar, uma vez que durante muitos anos de sua vida ele frequentou a escola enquanto aluno e depois passa a desempenhar a função de professor. Segundo os autores, é nessa fase inicial que muitos desistem da carreira e fazem a opção por outras profissões, enquanto que outros superam o choque com a realidade e decidem continuar atuando como profissionais da educação.

Outro fator importante para a permanência na carreira, diz respeito às relações interpessoais que são estabelecidas no espaço escolar, especialmente com os alunos. Assim, os professores responderam sobre como eles percebem a reação das crianças ao estudar com um professor do gênero masculino. O José entende que a sua relação de professor com os seus alunos é marcada pelo companheirismo e às vezes é até melhor do que com as docentes do gênero feminino.

[...] a professora normalmente ela dá aula e depois ela sai e vai fazer as atividades dela ou na sala dos professores, ou atividade de classe. E o professores não, o professor às vezes ele termina a aula dele ali, ele vai é... brincar de bola com os meninos, ele ... ele vai ver alguma coisa que tá lá fora, que as mulheres não consegue, que as crianças não consegue. Ele vai lá, quando é uma cobra que aparece é... o professor não tem medo, ele vai lá, ele vai matar. Então acaba sendo, se tornando um, um amigo muito mais próximo do aluno do que quando é uma professora. Não que ele não tenha uma amizade com professoras, mas eles ficam mais próximos, mais íntimos do professor. Então ele se torna um ponto mais positivo né.”

Podemos notar que algumas características que culturalmente foram atribuídas ao gênero masculino, como maior predisposição para matar uma cobra, por exemplo, são destacadas pelo José como algo positivo e que provavelmente a mulher teria dificuldade em realizar a mesma ação. Por trabalhar na zona rural, provavelmente situações semelhantes já devem ter acontecido e a presença masculina foi relevante para



resolver o problema. Além disso, o José também comentou sobre “brincar de bola com os meninos” evidenciando mais uma vez as questões de gênero, uma vez que poderia brincar também com as meninas. Para Ribeiro (2006), as brincadeiras de meninas e meninos refletem padrões que foram criados culturalmente e que são vistos como naturais, mas na verdade são questões sociais que podem ser modificadas.

Outro professor que também menciona sobre as brincadeiras como um aspecto relevante para que as crianças tenham boa percepção em relação ao trabalho desenvolvido por homens professores é o Antonio, que afirma: “É... procuro assim, é... brincar na hora que é pra brincar né, e também né, ser enérgico na hora que... hum, é preciso ser enérgico também, né.” Ou seja, brincar com as crianças sem perder a autoridade necessária ao trabalho do professor. De forma semelhante, o Pedro comenta sobre a autoridade ou respeito que os alunos têm diante da presença de professores do gênero masculino e estabelece relações com a questão da paternidade.

A visão delas é um pouco diferente. As vezes o professor homem pelo menos no meu caso, que são as séries iniciais, elas têm um pouco mais de receio, em fazer às vezes... arte e desrespeitar. Eu acho que a figura do pai, a figura paternalista... elas têm um pouco mais de respeito pela figura do homem.

Também o José comenta sobre a questão da autoridade e mais uma vez estabelece comparativo entre o trabalho que é desenvolvido por docentes do gênero feminino e masculino, defendendo a postura dos professores homens como o mais adequado no processo de educação escolar de crianças.

Eu acho que eles veem a gente com, com bons olhos né, é... a única questão é que as mulheres é... às vezes elas, por serem mães e por serem mulheres, elas não têm assim, não, não elas são firmes em sala de aula, mas muitas vezes é o aluno ele respeita mais o professor na sala de aula, quando é um homem que quando é uma mulher, não que ele não respeita, mais que ele parece que fica mais temeroso ainda quando é homem né si impõe mais, então é um ponto positivo e as crianças acabam percebendo isso né, mas também por outro lado um fator também pode ser complicativo, mas ao mesmo tempo não, é que eles se, se torna mais amigo. Então essa amizade as vezes atrapalha né, e as vezes ajuda bastante. (JOSÉ)

É interessante notar que, conforme Rabelo (2013), Gonçalves (2009), Louro (2007) e Hypólito (1997), as habilidades femininas, especialmente relacionadas à maternidade, foram vistas como positivas no processo de educação escolar de crianças. No caso dos homens entrevistados, essas habilidades podem ser vistas sob outra perspectiva, a de não ter o controle necessário ou “não ser firmes em sala de aula” e assim os alunos respeitam mais os professores do gênero masculino. Trata-se de uma mudança de representações sociais, uma vez que as mesmas habilidades femininas que em geral são vistas como favoráveis, são apontadas pelos docentes como negativas, ou seja, indicando que tais representações são dinâmicas e que mudam com o passar do tempo. Para Moscovici (2003), as representações sociais não são entendidas como uma imagem fotográfica da realidade, elas são uma tradução ou uma versão desta realidade, está em constante transformação por ser dinâmica e móvel.

Ao comentar sobre a percepção de seus alunos em relação à presença masculina como professores, João acredita que algumas atitudes posteriores ou ao longo da vida de



seus alunos, caracteriza a aceitação em relação a trabalho desenvolvido. Assim ele afirma: “Ah! Hoje como professor..., tenho hoje professores que foram meus alunos. Eles falavam assim ‘Professor, quando eu crescer, quero ser um professor, que nem o senhor’. Eles estão todos dando aula, têm vários.”

Com base nessas respostas, podemos constatar que os alunos percebem o trabalho dos professores de maneira positiva, são mais temerosos e respeitam mais, se comparado ao trabalho realizado pelas professoras mulheres. As crianças aceitam os professores como amigo e isso pode ser por um lado complicado e por outro pode facilitar o desenvolvimento das atividades docentes, especialmente favorecer a boa relação entre professor e alunos. Também destacaram sobre a figura do homem que é também associado à figura paterna. Segundo Arroyo (2002, p.110):

[...] o que fica para a vida, para o desenvolvimento humano são os conhecimentos que ensinamos, mas também, e sobretudo, as posturas, os processos e significados que são postos em ação, as formas de aprender, de se interessar, de ter curiosidade, de sentir, de raciocinar e de interrogar.

Tais respostas indicam com os docentes entrevistados concordam que as crianças, respeitam mais os professores homens, associando à figura masculina e também relacionando com a paternidade.

Quanto aos aspectos considerados pelos entrevistados como positivo ao trabalhar com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o professor Pedro afirma:

Olha, pontos positivos mesmo é que gosto da profissão. É um ponto muito positivo né. Então, mas assim, meio que os homens... é porque eles buscam assim é... melhores salários né. Então não é assim: quem tem uma vocação permanece e que não tem né, primeira oportunidade eles já saem...

Lembrando que o Pedro logo em seguida deixou de ser professor para atuar como policial, possivelmente devido ao salário, se levarmos em consideração a afirmação de que ele gosta da profissão. Gonçalves (2009, p. 42) ao refletir sobre fatores históricos que influenciaram no processo de afastamento dos homens do magistério, afirma:

Paralelamente, enquanto aumentava o número de mulheres atuando na área da educação, os homens passaram a se afastar ou a não demonstrar mais interesse pela profissão docente. Entre os principais motivos que provocaram o afastamento dos homens pode-se destacar: o aumento da participação de meninas em sala de aula; a busca por profissões mais lucrativas; a compreensão de que o homem sendo provedor não poderia permanecer numa profissão, cujo salário era visto como complementação das despesas domésticas; a ideia de que as mulheres tinham maiores habilidades para ensinar, sendo essas associadas com a educação de seus filhos, entre outros.

Esses fatores históricos ocorreram no decorrer do século XX e continuam presentes na atualidade, uma vez que são poucos os homens atuando com crianças e alguns continuam desistindo da profissão, como é o caso do Pedro. Por outro lado, outros docentes comentaram sobre os aspectos positivos em ter homem atuando com



criança, como o João que mais uma vez enfatizou sobre a questão da autoridade. “Ah! Tem positivo, que acho que por ser homem impõe respeito para as crianças. Este é um ponto positivo! Acho que professores homens, a imagem de homem na sala, as crianças têm mais um pouco... Não são as crianças, os alunos têm mais respeito”.

Já o Antônio tem uma resposta diferenciada em relação ao gênero, uma vez que ele relata: “[...] eu acho que essa questão de sexo não influencia muita coisa. O que influencia é a capacidade de fazer as crianças aprender e isso é o que realmente importa. Então se é homem, se é mulher, não tem o que... não tem muito a influenciar, não!”

Também foi questionado se os quatro professores consideram relevante importante aumentar o número de homens professores nas escolas, tendo que justificar a resposta. O professor José respondeu:

Acho que é importante as vezes que se trabalhe com profissionalismo, com respeito. É importante porque muitas atividades dentro da sala de aula ou da escola, porque a gente não trabalha só na sala de aula, é dentro da escola. Alguma atividade é complicada para as mulheres né... precisa de um homem né, hoje as profissões são multi né, não tem só pra mulher ou só pra homem. Então, agora já é misturado né, ‘tudo junto e misturado’ igual diz o outro. Então é... precisa ter mais homem atuando nesta área, precisa ter mais homens que se dediquem a área da educação porque favorece mais, porque mescla. Mas o gênero né, sexo masculino e feminino, isso acaba sendo benéfico pra ambas as partes.

Ou seja, para o José, é importante que tenha mais homens para auxiliar porque algumas atividades são mais difíceis para as mulheres e tendo os dois gêneros, “mescla” mais. Ele destaca também o fator de que na atualidade “é tudo junto e misturado”, indicando que para trabalhar com crianças também pode ser da mesma forma.

O João relata: “Então, no meu caso eu faço Pedagogia, ocorre o inverso, um a dois alunos da minha sala e o resto são todas mulheres. Então você é... acho que é importante aumentar o número de homem, devido a importância do homem da escola.”

O Pedro considera relevante, mas volta a comentar sobre a questão salarial que é um dos fatores que acaba por atrapalhar ou não estimular a presença dos homens atuando como docentes de anos iniciais do Ensino Fundamental.

Se é importante? Sim pode ser importante, acho que é importante ter mais homens trabalhando nas escolas sim é... como foi comentado, para esse número aumentar eu acho que tem a questão do salário> Hoje para um pai de família sustentar uma família de cinco crianças, mais a esposa ou três filhos e esposa, simplesmente com o salário do professor não dá. Eu tiro isso por mim que dou aula em dois períodos e é muito difícil você sustentar uma família de cinco pessoas com um salário de professor.

Podemos notar que as representações sociais predominantes são de que o homem deve ser o provedor de sua família e, portanto, o salário de professor é considerado pouco. Por outro lado, Gonçalves (2009) comenta que na atualidade existem muitas mulheres, inclusive professoras, que são consideradas chefes de família e principais provedoras de seus lares. Assim, o fator salarial não deveria ser apenas uma preocupação de professores homens, mas de todos os profissionais da educação, independente de gênero.

O Antonio também concorda que é importante a aumentar a quantidade de professores homens no trabalho desenvolvido com crianças: “Hum... eu vejo que é de



suma importância. Eu gostaria assim que fosse o inverso, fosse o inverso é... fosse mais homem do que mulher, na minha opinião.”

Conforme foi ainda citado por Antonio, ele acredita que seria diferente se tivesse mais homens no comando das salas de aula “Eu acho que seria diferente, na minha opinião, eu acho que seria diferente. Eu posso estar enganado (risos)”. Ao ser indagado em que sentido ele considera que seria diferente, o Antonio então explica:

O que eu acho que seria diferente? É assim, porque é... talvez seja que algo assim, até meio machistas né, mas a partir de que as mulheres né, é... falando de modo geral né, deixando suas casas, deixaram seus filhos. Então é... parece assim que a violência aumentou um pouco no Brasil, no mundo né, então porque hoje a criança ela fica praticamente sozinha na casa dela né. Então tem ou desde o início ela já vai para o maternal né, já afasta de pai, afasta de mãe e assim por diante, né.

46

As respostas evidenciam que todos os professores acreditam que é importante aumentar o número de professores homens, porém por razões diversas beneficiaria os homens e mulheres no mesmo ambiente de trabalho, por lidarem com determinadas situações. E a suposição de que os alunos têm mais respeito por professores homens. É importante ainda destacar que entre os entrevistados, um gostaria que houvesse mais homens do que mulheres atuando como professores e associa isso à violência mundial, que segundo eles o aumento pelo fato de mães e pais passarem menos tempo com as crianças. Nesse sentido Campos e Souza (2003, p. 13) analisam:

O tempo compartilhado entre pais e filhos é cada vez mais escasso: trabalha-se cada dia mais para o aumento do poder aquisitivo (e conseqüentemente do consumo), e a mulher tem uma contribuição crescente na fatia produtiva da população, ficando bastante tempo fora de casa. Pais chegam tarde em casa, crianças atarefadas, refeições solitárias ou feitas fora do lar. A família se reúne cada vez menos para conversar sobre o cotidiano.

Podemos analisar que os docentes procuram desenvolver, em muitos casos, habilidades que seriam atribuídas à família, devido ao fato de que pais e mães não estão tão presentes na vida de seus filhos. Essa atribuição foi associada em alguns casos aos professores, que muitas vezes acabam ficando mais tempo com as crianças do que as próprias famílias.

Quando questionado sobre o que eles consideram que seria preciso fazer para aumentar a quantidade de homens atuando nas escolas, o Antonio relata: “Acho que o ganho disso né, os homens vão atrás de melhores salários né, por isso que eles não têm assim uma vocação, por que ele procura um melhor salário. Então quando eles não encontram eu vejo que eles já procuram outro... outro serviço e saem fora”.

Para o João, trata-se apenas de gostar ou não da profissão, ou seja, para aumentar o número de professor do gênero masculino, os próprios homens têm que ter interesse e acima de tudo gostar da profissão docente. Já o José comenta sobre os investimentos na área da educação que poderia despertar o interesse em outros homens:

Precisa é... de uma forma geral investir na educação, porque o homem por ele ter mais força física, ele acaba por ter um leque maior de opções de emprego, ele acaba partindo para as outras áreas né. Enquanto que por tradição, as mulheres preferem mais pela Pedagogia. Então quando



tiver mais investimentos na área na educação, que for mais favorável para os homens, eu acho que mais homens vão entrar em sala de aula.

Podemos notar que a questão salarial ou a valorização da profissão, são aspectos importantes, segundo as representações dos professores, sendo que essa foi considerada por Rabelo (2013) como uma das discriminações vivenciadas muito fortemente pelos docentes do gênero masculino. É importante notar que outras formas de discriminação citadas pela autora não foram constatadas entre os professores, como associar as habilidades femininas como inatas no processo de educação escolar de crianças e a questão da homofobia ou discriminação sexual. Ao contrário, eles procuram exaltar algumas atividades que em geral são desenvolvidas pelos homens e que também são importantes na escola, sinalizando de que ambos os gêneros, masculino e feminino, têm muito a contribuir com o trabalho docente desenvolvido com crianças.

### Considerações Finais

A partir do trabalho desenvolvido podemos afirmar no município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul onde foi realizada a pesquisa, existem poucos docentes do gênero masculino atuando com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e que a maioria são professores de Educação Física ou gestão escolar. Entre os dez professores regentes, praticamente eles trabalhavam com as crianças maiores, de 4º e 5º ano.

Quanto à escolha da profissão, a maioria aconteceu foi por influência da família ou por necessidade da comunidade local em que viviam. Alguns acabaram se identificando com a área enquanto um dos entrevistados, logo após a realização da coleta de dados, trocou de profissão.

No que se refere às representações sociais predominantes entre os quatro professores entrevistados, durante a realização da pesquisa qualitativa, podemos constatar que eles não sofrem preconceitos por atuar em uma profissão vista como feminina, apenas apontam a questão salarial como um fator que não é interessante para os homens, que são vistos como provedores das famílias.

Se a questão salarial foi a maior reclamação em relação ao trabalho docente desenvolvido nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a questão da autoridade que, segundo os professores, é mais frequente entre os homens, foi apontada como um aspecto relevante por impor maior respeito às crianças. Nesse contexto, as habilidades femininas relacionadas à maternidade, que historicamente foram vistas como relevantes para o processo de educação escolar de crianças, para alguns dos professores entrevistados, tais habilidades são entendidas como desfavoráveis, por não representar a autoridade que é necessária em sala de aula. Trata-se, portanto de uma mudança nas representações sociais vigentes, podendo ser justificada pelo fato de tais representações serem consideradas por Moscovici (2003) como dinâmicas ou móveis.

Os docentes entrevistados também acreditam que é importante aumentar o número de docentes do gênero masculino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas o investimento na educação é um dos fatores relevantes para despertar o interesse em outros homens de se tornarem professor. Alguns dos entrevistados entendem que ambos



os gêneros, feminino e masculino, têm muito a contribuir com o processo de educação escolar de crianças.

Enfim, com a realização da pesquisa constatamos que são poucos os homens que optam por atuar como docentes de crianças de anos iniciais do Ensino Fundamental, mas que eles têm muito a contribuir com esta etapa da educação escolar. Portanto, é importante haver a superação de alguns preconceitos e também a valorização da profissão docente para que homens, juntamente com as mulheres, possam participar do processo educacional de crianças nos espaços escolares.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. C.; SANTOS, M. C. A. B.; ROSSI, T. M. F. Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência intrafamiliar. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v. 22, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 64, Fev. 1988, p. 4-13.

CAMPOS, C. C. G.; SOUZA, S. J. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, n. 1, Brasília, Mar. 2003, p. 12-21.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: reflexões . Sobre o trabalho de campo**: Disponível em: [www.scielo.br/pdf/cp/n115/](http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/) Departamento de Educação da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 2002. Acesso em 16 de outubro de 2013.

GONÇALVES, J.P. **Representações Sociais de Bem-Estar Docente e Gênero em Homens que Tiveram Carreiras Bem-sucedidas no Magistério**. 2009. 233f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

HYPÓLITO, A. L. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NEGRI, A. R. A. **Identidade de gênero e escolha**. 1998. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, UGF, Rio de Janeiro, 1988.



NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**, São Paulo, vol. 1, nº 3, 2º semestre 1996.

PINCINATO, D. A. V. **História do magistério**: experiências masculinas na carreira administrativa no Estado de São Paulo (1950-1980). In: Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Em Educação, 27, 2004, Caxambu. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: Anped, 2004.

RABELO, A. O. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 4, out./dez. 2013, p. 907-925.

RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de Meninas e de Meninos: socialização, sexualidade e gênero entre as crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**. São Paulo, nº 26, 2006, p. 145-168.

SANTOS, W. T. M. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 27, jul./dez. 2007, p. 130- 157.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem no trabalho do magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 73, Dez./2000, p. 209-244.